



ORGANOGRAMA OFICIAL CARNAVAL VIRTUAL 2017

Liga Independente das Escolas de Samba Virtuais - LIESV

*Presidente: Ewerton Fintelman
Vice Presidente Administrativo: Murilo Sousa*

Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Fazendo Arti



PRESIDENTE
Tiago dos Santos Barros

“Ave Maria no Morro: Uma oração de fé para o povo do Brasil”



CARNAVALESCO

André Cardoso

Tema-Enredo (Título do enredo e subtítulos se houverem) *

Ave Maria no Morro: Uma oração de fé para o povo do Brasil

Carnavalesco *

André Cardoso

Autor(es) do Enredo *

Thiago Morganti

Elaborador(es) do Roteiro do Desfile *

Thiago Morganti e André Cardoso

Outras Informações Julgadas Necessárias (fontes de consulta, livros etc) *

SINOPSE DO ENREDO

Justificativa

“Para o povo, Deus não é um problema mas uma solução de seus problemas e o sentido derradeiro de seu viver e de seu morrer. Ele sente Deus acompanhando seus passos (...)” (LEONARDO BOFF)

A palavra “Fé”: Dentre os seus mais diversos significados, existe um que se destaca, e é justamente o mais antigo deles – na Bíblia, no capítulo de Hebreus, é dito que: “A fé é a certeza de que as coisas que acreditamos irão acontecer”.

O povo brasileiro é marcado pela fé. Mesmo os primeiros habitantes, os índios, ainda que não tivessem um conceito claro de divindade, menos ainda o de cultuar publicamente um deus único, certamente tenderam a um monoteísmo implícito na figura de um Ser Superior.

Ao longo da história do Brasil, vemos diversos exemplos da força do povo brasileiro. Os pobres, oprimidos e segregados, ampararam-se na fé para vencer todas as barreiras que iam aparecendo, seja o negro escravizado, vindo da África, seja o nordestino buscando na fé forças para lutar contra o chão árido, seja a voz do favelado buscando nas grandes cidades uma vida melhor.

Salve, Nossa Senhora dos Morros!

Nosso enredo é uma história de fé. Uma história de superação e emoção!

Amém!

SETOR 1 – A FÉ DO ÍNDIO

Tupi e Guarani, segundo uma lenda antiga, eram dois irmãos que chegaram ao Brasil e com seus filhos povoaram o território. No entanto, com o passar do tempo, os dois irmãos desentenderam-se por culpa de um papagaio falador. Tupi ficou no litoral e Guarani emigrou para o Sul, desbravando o Paraguai.

Os antropólogos, no entanto, defendem que esta movimentação humana, na verdade, ocorreu porque os Tupis acreditavam num “Paraíso”, numa terra-sem-mal. Segundo um mito recolhido entre os Apapocuvás, Nyanderuvusu criou o mundo junto a sua mulher, Nyandesy, que foi devorada por uma onça.

Nyandesy, no entanto, continuaria a viver na ‘terra-sem-mal’. Como já se vê, mesmo antes da chegada do homem-branco, já havia a concepção do paraíso e a existência de um ser superior, criador – no caso, Nyanderuvusu.

E por conta desta fé, os Tupi povoaram todo o litoral brasileiro, em busca desta ‘terra-sem-mal’.

SETOR 2 – A CHEGADA DO HOMEM BRANCO E DO NEGRO

Os portugueses chegaram ao Brasil e quatro dias depois, em 26 de abril de 1500, rezaram a primeira missa. Durante a colonização, construíram as missões, onde jesuítas disseminaram a fé católica.

No entanto, a formação do povo brasileiro não seria tão simples. Apesar dos ensinamentos de paz e amor do cristianismo, a injustiça e a opressão por parte dos poderosos fez com que os índios fossem subjugados. Além disso, trouxe de além mar seres humanos para serem escravos – os negros, vindos de África distante, que chegaram com sua fé como escudo contra a dor e o sofrimento.

Nas senzalas, diante do açoite, da dor e do sofrimento, os negros nunca desistiram da sua luta. Contra as mais cruéis formas de tortura, os escravos se ajoelhavam todos os dias pedindo mais força para seguir naquela batalha. Trazidos em porões de navios, acorrentados e sem água ou comida, nunca deixaram de acreditar. Havia esperança e fé! Eles sabiam que a luta de cada dia não seria em vão. Esta fé nunca foi abalada, e a vitória foi amparada pela força de acreditar! Acreditar que era possível um futuro melhor!

SETOR 3 – A FÉ POPULAR

“Cada ser humano pode ser um incorporador eventual da divindade em benefício dos outros. Negados socialmente, desprezados politicamente, perseguidos religiosamente, as religiões afro-brasileiras devolveram auto-estima à população negra, ao afirmar que os orixás africanos os enviaram a estas terras para ajudar os necessitados e para impregnar de axé (energia cósmica e sagrada) os ares do Brasil. Apesar de escravos cumpriam uma missão transcendente e de grande significação histórica.

Foram os negros e os indígenas que conferiram e conferem uma marca mística à alma brasileira. Todos se sabem acompanhados pelos santos e santas fortes, pelos orixás, pelo Preto Velho (umbanda) e pela mão providente de Deus que não deixa que tudo se perca e se frustre definitivamente. Para tudo há jeito e existe uma saída benfazeja. Por isso há leveza, humor, sentido de festa em todas as manifestações populares.” (LEONARDO BOFF)

E foi a partir disso, das trocas entre índios, brancos e negros, que surgiu esta fé genuinamente brasileira, que os especialistas chamam de “cristianismo popular”. Por exemplo, e talvez o mais conhecido caso de sincretismo, é a fé em São Jorge, que corresponde a Ogum, nas religiões de matriz africana.

Câmara Cascudo em sua “Literatura oral no Brasil” esclarece que, das festas portuguesas vieram os “santos e romeiros”. A Folia de Reis representa a visita que o menino Jesus recebeu dos três reis magos, Melchior, Baltasar e Gaspar, um dia após seu nascimento. Os donos das casas recebem os integrantes da folia, que executam modas de viola e danças como a catira e o cateretê.

A Festa do Divino celebra a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos e a Virgem Maria. As festas Juninas celebram São João, São Pedro e Santo Antônio. Não se esquecendo nunca de Nossa Senhora Aparecida, que emergiu das águas, ganhou devotos, e se tornou a padroeira do Brasil.

SETOR 4 – A FÉ NO NORDESTE

O Brasil, mais especificamente o Nordeste, é um santuário de procissões e louvores. Terra de gente sofrida, do solo rachado, das mãos calejadas!

Inúmeras são as procissões em agradecimento. Cada gota de chuva que rega o chão, merece um agradecimento, uma oração. A comida que é servida, vem sempre acompanhada de uma reza.

De joelhos, em um altar da igreja, ou em louvação nas praças, o povo do Nordeste é sempre muito agradecido aos seus santos. No Nordeste, outras manifestações de fé estão presentes como o Círio de Nazaré, a festa do Bom Jesus dos Navegantes e a Lavagem do Senhor do Bonfim. E não poderia deixar de ser assim. No chão rachado, seco do Sertão, só a fé leva adiante. Os pagadores de promessas, como o do filme de Dias Gomes, são figuras facilmente encontráveis. O nordestino confia no “Padim Ciço” para a vida melhorar.

SETOR 5 – A FÉ NAS FAVELAS E O AVE MARIA À NOSSA SENHORA DO MORRO

Foi no Nordeste também que ocorreu a Guerra de Canudos, onde a fé levou milhares a seguir Antônio Conselheiro numa batalha louca contra o Império. Os soldados que combateram em Canudos foram para os centros do Sul e acabaram criando as favelas, onde retirantes, em busca de uma vida melhor, chegavam e se instalavam.

Para simbolizar a fé do povo do morro, Herivelto Martins criou a música “Ave Maria no Morro”.

Subindo os morros e favelas, sempre veremos a força e a vontade de sobreviver, a luta diária contra as mais diversas formas de perigo que rodeiam essa gente tão sofrida. Mas essa gente sempre leva um sorriso no rosto, um bom humor invejável e muita fé na vitória! Quantas histórias de esperança e vitória contaríamos em meio aos barracos de zinco de um morro?

E a Fazendo Arti acredita nisso! Acredita que há e sempre haverá uma fé dentro do coração de cada um.

Por isso, no aniversário de 300 anos da padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, tão louvada e venerada no nosso país, apresentamos a nossa santa e a de todos aqueles que têm fé em um amanhã melhor.

Negra, descalça, com sua coroa de zinco e seu manto sagrado da favela, um salve para Nossa Senhora dos Morros, a padroeira deste desfile.

A nossa procissão seguirá para a eternidade, mostrando a luta, a força, a vitória e a FÉ. A mais pura forma de se acreditar que haverá sempre um ponto final mais bonito em cada nova história.

Amém, Nossa Senhora dos Morros.
Ave Maria.
Fé.

FICHA TÉCNICA Samba Enredo

Autoria do Samba-Enredo *

Jefferson Marimbondo

Letra do Samba-Enredo (repetições devem ser destacadas e em negrito) *

**OOOO O MEU SAMBA É PROVA DE AMOR
EM LOUVAÇÃO, ERGO AS MÃOS A TE ADORAR
NOSSA SENHORA... AVE MARIA!
A VOZ UNIDA DE UM POVO A CANTAR**

Sou Fazendo Arti
A garra do povo, a sublime emoção
Neste paraíso, me criei
E encontrei... com os índios, a “terra sem-mal”
Vi na expressão do jesuíta
A fé que vinha pelas ondas de além-mar
O açoite que tocava a minha pele
Fui escravo, porém nunca deixarei de acreditar

**A FÉ MOVE AS MONTANHAS... OGUNHÊ, MEU PAI!
SINCRETISMO BRASILEIRO... CELEBRAÇÃO
COMEMORAR... SALVE A FESTA DO DIVINO!
VAI TER FOGUEIRA DE SÃO JOÃO**

Brasil, terra de gente sofrida
Que viu o solo duro que não dá pra lavourar
Rogando ao meu Padinho Ciço
Por chuva para a vida melhorar
Da guerra, fui morar lá na favela
No meu barracão de zinco, te guardei no coração
Aparecida! És o alento do brasileiro
Que trabalha o ano inteiro
E crê na força da superação
Te encontrei no sorriso dessa gente
E nos acordes da canção

Defesa do Samba (se a escola julgar necessário)

*Número de elementos de desfile (Número de alas; de carros alegóricos; de tripés e quadripés, incluindo os utilizados pela comissão de frente, se houver; de casais de mestre-sala e porta-bandeira; de destaques de chão e afins, se houver) **

Alas – 15
 Alegorias – 5
 Tripés e/ou Quadripés – 2
 Mestre Sala e Porta Bandeira – 1
 Guardiões de Casal de MS & PB – 0
 Destaques de Chão – 0

*Organização dos elementos de desfile (a setorização é obrigatória; alas obrigatórias devem ser devidamente discriminadas) **

EXEMPLO:

Setor 1 – A fé do Índio

Comissão de Frente – A força Tupi-Guarani

Tripé- A grande Oca

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira – Espíritos das Matas

Alegoria 01 – Nyandesy e o Paraíso sem mal

Setor 2 – A chegada do Homem Branco e do Negro

Ala 02 – As grandes navegações

Ala 03 – A fé cristã

Ala 04 – Jesuítas

Ala 05 – Guerreiros Africanos

Ala 06 – Orixás

Alegoria 02 – A dor da escravidão

Setor 3 – A fé popular

Ala 07 – Canto das três raças

Ala 08 – São Jorge

Ala 09 – Bateria-Folia de Reis

Ala 10 – Festa do Divino

Tripé 2– Devoção aos santos juninos

Alegoria 03 – Festa de Nossa Senhora Aparecida

Setor 4 – A fé no nordeste

Ala 11 – Círio de Nazaré

Ala 12 – Baianas: Lavagem do Bonfim

Ala 13– Vidas Secas

Alegoria 04 – Padim Ciço e a fé nordestina

Setor 5 – A fé nas favelas e o Ave Maria à Nossa Senhora do Morro

Ala 14 – Soldados de Canudos

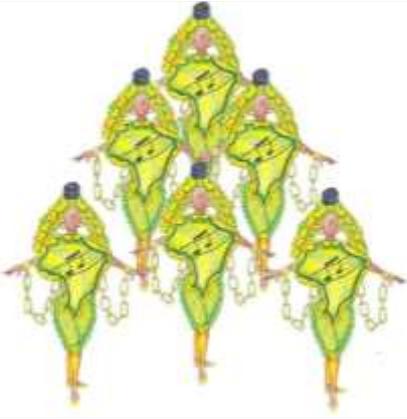
Ala 15- Retirantes

Alegoria 05– Nossa Senhora do Morro+ Galeria de Velha Guarda – Fé na Mãe dos pobres

Criador(es) dos Desenhos* Nome(s) do(s) artista(s)*:	
Nome do Elemento	O que representa
Comissão de Frente: A força Tupi-Guarani+Tripé A grande Oca 	Os índios Tupis-guaranis são chamados a saírem da grande oca e se prepararem através de um ritual para a batalha.
Comissão de Frente: A força Tupi-Guarani+Tripé A grande Oca 	Os índios Tupis-guaranis são chamados a saírem da grande oca e se prepararem através de um ritual para a batalha.
1º Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira: Espíritos das Matas	

	<p>Os defensores do nosso pavilhão trajam-se de espíritos das matas, que já eram cultuados por nossos ancestrais desde o princípio.</p>
<p>Alegoria 01: Nyandesy e A Terra sem mal</p>	<p>O abre-alas da escola traz uma grande escultura de Nyandesy, criadora do mundo, segundo os Apapocuvvas (tribo guarani). Ela é a responsável por abençoar o início do nosso desfile, sob suas bênçãos a Fazenda Arti estreia no grupo especial. As composições representam os índios Tupis-Guaranis. A alegoria, praticamente monocromática (em verde) remete ao paraíso, à terra-sem-mal.</p>
	
<p>Ala 02 Navegadores Portugueses</p>	<p>Os navegadores portugueses, desbravando os sete-mares encontraram uma terra desconhecida, habitada por vários povos indígenas.</p> <p>A ala traz um navegador português, carregando nas costas uma caravela e um luneta.</p>
	
<p>Ala 03 A Fé Cristã</p>	<p>Em 26 de abril de 1500, apenas quatro dias depois do descobrimento, foi realizada a primeira missa na terra recém encontrada.</p> <p>A ala traz um sacerdote cristão, carregando nos ombros o cálice, a hóstia e a uva, símbolos maiores da religião católica. O sacerdote ainda carrega nas mãos um turíbulo dourado (incensário católico), remetendo às orações dos cristãos elevadas ao céu, naquela ocasião.</p>
	
<p>Ala 04 Jesuítas</p>	

	<p>Os missionários da Companhia de Jesus, chegavam com o objetivo de converter e catequizar as tribos indígenas e ensinar-lhes a língua portuguesa e os costumes europeus.</p> <p>A fantasia representa um missionário, carregando nos ombros os papagaios encontrados em nossa terra.</p>
<p>Ala 05 Guerreiros Africanos</p>	<p>Os guerreiros africanos são representados nessa ala. Povo lutador, sem medo do desconhecido, que foi preso, maltratado e escravizado.</p>
	
<p>Ala 06 Orixás</p>	<p>Chegando em terras brasileiras, o negro foi impedido de manifestar adoração aos seus orixás, pela imposição cristã. Os orixás são representados nessa ala, com roupas típicas, adornadas com búzios e contas, além de muita palha.</p>
	
<p>Alegoria 02 A dor da escravidão</p>	<p>O sofrimento da escravidão é representado nessa alegoria. O navio negreiro é adornado com caveiras, remetendo aos inúmeros negros sacrificados durante as viagens.</p> <p>A destaque central representa o sofrimento ocasionado pela imposição cristã.</p>
	
<p>Ala 07 Canto das três raças</p>	

	<p>Os índios, os brancos e os negros miscigenaram-se e formaram esse povo tão singular.</p> <p>A ala traz um mapa do Brasil no peito com uma nota musical, remetendo à emblemática canção de Clara Nunes “Canto das três raças”.</p>
<p>Ala 08 São Jorge</p> 	<p>Os negros, impedidos de louvar os seus orixás buscavam nos santos católicos alguma relação.</p> <p>Símbolo maior da fé popular, São Jorge no sincretismo religioso corresponde a Ogum, e é representado nesta fantasia. As cintura para cima, a armadura de São Jorge, da cintura para baixo, a roupa de Ogum. O componente ainda traz nas mãos a espada de São Jorge.</p>
<p>Ala 09 Bateria Folia de Reis</p> 	<p>Um dos folguedos populares mais famosos d Brasil é a folia de Reis. O cortejo relembra a visita dos reis magos ao menino Jesus, nascido na gruta, em Belém.</p> <p>Os palhaços da folia de Reis são os responsáveis por animar a festança e são lembrados nessa fantasia.</p>
<p>Ala 10 Festa do Divino</p> 	<p>Nas proximidades da Festa de Pentecostes, que celebra a vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos e a virgem Maria, muitas cidades do interior do Brasil ganham as cores vermelho e branco. Pelas ruas, o reinado, formado por crianças tratadas com todas as regalias de reis e rainhas, ganham as ruas nos dias de festa.</p> <p>Aqui, um integrante coroado, pertencente ao reinado, carrega o estandarte do Divino Espírito Santo.</p>
<p>Tripé 02 Devoção aos Santos Juninos</p>	

	<p>No Mês de junho a festança é garantida. As festas em louvor aos santos Antônio, João e Pedro são marcadas por fogueiras, comilança, forró e muitas bandeirinhas.</p> <p>O tripé representa um costume antigo de homenagear São João Batista, no seu dia (24/06). A capelinha geralmente é feita de melão, com cravo, rosas e manjerição, exatamente como na canção junina.</p>
<p>Alegoria 03 Festa de Nossa Senhora Aparecida</p>	<p>Nesta alegoria, a virgem Maria, encontrada no Rio Paraíba do Sul, em 12 de outubro de 1707 é comemorada e recebe homenagem. Os anjos frontais seguram uma placa com a inscrição 1717, remetendo ao ano sagrado da aparição.</p> <p>Os destaques representam os arcanjos anunciadores da festa da virgem Maria.</p>
	<p>Os devotos de Nossa Senhora de Nazaré agradecem todos os anos pelas graças alcançadas, casas, barcos, empregos... A berlinda da Virgem de Nazaré todos os anos é enfeitada de maneira incomparável.</p> <p>Aqui, os integrantes da ala, fazem a festa para a virgem de Nazaré e carregam barquinhos e casinhas como forma de agradecimento à senhora padroeira do Pará.</p>
<p>Ala 11 Círio de Nazaré</p>	<p>Os devotos de Nossa Senhora de Nazaré agradecem todos os anos pelas graças alcançadas, casas, barcos, empregos... A berlinda da Virgem de Nazaré todos os anos é enfeitada de maneira incomparável.</p> <p>Aqui, os integrantes da ala, fazem a festa para a virgem de Nazaré e carregam barquinhos e casinhas como forma de agradecimento à senhora padroeira do Pará.</p>
	<p>Todos os anos as baianas do candomblé tem uma missão inadiável: lavar com água de cheiro e muito axé as escadarias da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim na Bahia.</p> <p>A ala traz as baianas com os vasos repletos de flores, ervas e água de cheiro para a lavagem da escadaria.</p>
<p>Ala 12 Baianas Lavagem do Bonfim</p>	<p>Todos os anos as baianas do candomblé tem uma missão inadiável: lavar com água de cheiro e muito axé as escadarias da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim na Bahia.</p> <p>A ala traz as baianas com os vasos repletos de flores, ervas e água de cheiro para a lavagem da escadaria.</p>
	<p>Ala 13 Vidas Secas</p>

	<p>O nordestino é um exemplo de fé. Na luta de todos os dias, no suor da enxada e na seca, ele encontra um tempo para louvar e agradecer aos seus santos de fé.</p> <p>A fantasia traz uma carcaça de boi, cena que se repete pela falta d'água, além do chão rachado pelo sol ardente.</p>
<p>Alegoria 04 Padim Ciço e a Fé nordestinas</p>	<p>A alegoria traz um oratório nordestino, com a escultura central representando o Padre Cícero, feito de barro. O bumba-meu-boi representado na frente da alegoria remete ao ritual folclórico, que ocorre em especial no Maranhão, em homenagem a São João Batista.</p> <p>Os destaques laterais representam os orixás louvados na Bahia, Oxóssi e Iemanjá. O carro ainda é ornamentado com as fitas do Senhor do Bonfim.</p>
	
<p>Ala 14 Soldados de Canudos</p>	<p>A Guerra de Canudos foi um dos episódios mais marcantes da história do país. Foi um confronto entre o exército brasileiro e um movimento popular religioso liderado por Antônio Conselheiro.</p> <p>A ala traz o soldado do exército que lutou contra os humildes habitantes do sertão.</p>
	
<p>Ala 15 Retirantes</p>	<p>O nordestino migrava para as grandes cidades em busca de melhores condições de vida, fugindo da seca e da miséria.</p> <p>Aqui o nordestino é representado com sua bagagem rumando ao seu lugar num paraíso sem as dificuldades, assim como nossa escola.</p>
	
<p>Alegoria 05 Nossa Senhora do Morro</p>	

	<p>Encerrando nosso desfile, a mãe dos pobres, dos moradores da favela, dos negros, e de todos aqueles que vivem e sofrem com as mazelas do nosso país, vem nos abençoar.</p> <p>Anjos negros fazem festa, tocam seus instrumentos e empinam pipas, rodeando Nossa Senhora do Morro.</p>
<p>Galeria de Velha Guarda: Fé na mãe dos Pobres</p>	<p>Nossos mais nobres sambistas são homenageados nessa última alegoria. Os baluartes da escola são os verdadeiros destaques do nosso carnaval, que resiste e vence as adversidades.</p>
	

Nome Completo da Escola**Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Fazendo Arti***Presidente Administrativo da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual)****Tiago Fazendo Arti***Carnavalesco(a)/Comissão Carnavalesca da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual)****André Cardoso***Intérprete(s) da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual)****Celsinho Mody e Leo Reis***Demais Membros Internos da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual e respectivo cargo na escola, se houver)****Thiago Morganti- Vice Presidente***Autores do Samba-Enredo da Escola****Jefferson Marimbondo***Data de Fundação da Escola****01/01/2013***Cores da Escola****Vermelho e Branco***Símbolo da Escola****Esquilo***Texto de Apresentação da Escola (máximo de 05 linhas)***

A escola foi fundada com o objetivo de juntar tudo o que mais gostamos: Samba, carnaval e festa. Suas cores são homenagem à Leandro de Itaquera, vizinha de nossa escola.

Título do Enredo**Ave Maria no Morro: Uma oração de fé para o povo do Brasil***Autor do Enredo****Thiago Morganti***Breve Resumo do Enredo (máximo de 10 linhas)***

O povo brasileiro é marcado pela fé. Mesmo os primeiros habitantes, os índios, ainda que não tivessem um conceito claro de divindade, menos ainda o de cultuar publicamente um deus único, certamente tenderam a um monoteísmo implícito na figura de um Ser Superior.

Ao longo da história do Brasil, vemos diversos exemplos da força do povo brasileiro. Os pobres, oprimidos e segregados, ampararam-se na fé para vencer todas as barreiras que iam aparecendo, seja o negro escravizado, vindo da África, seja o nordestino buscando na fé forças para lutar contra o chão árido, seja a voz do favelado buscando nas grandes cidades uma vida melhor.